

ESTRANGEIROS EM SÃO PAULO

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS AO DEBATE SOBRE ALTERIDADE E TERRITÓRIO NOS NOVOS TEMPOS GLOBAIS

*Maura Pardini Bicudo Vêras**

Resumo. A questão urbana torna-se sempre mais complexa, envolvendo aspectos econômicos, sociais, políticos, étnicos, culturais. Na nova divisão internacional do trabalho e dos deslocamentos do capital, os espaços urbanos contêm as novas funções de competitividade e da conectividade, verdadeiras “tecnópolis” e “telepolis”. Quer para aqueles estudiosos que enfatizam a produção industrial, em moldes pós-fordistas e flexíveis, quer os que apontam o predomínio do capital financeiro e do terciário superior, as cidades mundiais preocupam-se com a velocidade da produção de mercadorias, de idéias, de pessoas, de cultura e, sobretudo, da informação. As tensões da grande cidade se manifestam entre elementos provincianos e nacionais, locais e globais, refletindo a contradição do mundo. Nesta perspectiva se analisa a metrópole de São Paulo, chamando atenção para a dimensão espacial da cidadania, a partir da reflexão sobre o seu multiculturalismo manifestado pela presença dos migrantes estrangeiros.

Palavras-chave. Estrangeiro, territorialidade, configuração espacial, imigração, segregação sócio-espacial.

INTRODUÇÃO

O debate atual das ciências sociais manifesta-se de forma evidente no estudo dos diferentes aspectos pelos quais a questão urbana se apresenta no mundo contemporâneo. O impacto da chamada globalização sobre as cidades tem ocupado a atenção dos estudiosos com um variado elenco de problemas: as conseqüências na reestruturação produtiva (da fragmentação do processo de produção pelo mundo, do aumento do desemprego e da informalização e

* Professora Doutora Associada do Departamento de Sociologia e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP.

precarização crescentes do trabalho), da constituição de uma sociedade informacional onde as telecomunicações ganham papel de peso, a mobilidade residencial, a segregação e guetificação, os conflitos étnicos e culturais que explodem em todos os continentes, a redefinição dos papéis do Estado, a exclusão social ou a inserção marginal, enfim, aspectos todos a provocar e denotar que os paradigmas científicos estão em crise. A problemática sociológica carece dos sistemas teóricos abrangentes e explicativos que, se de um lado, forçavam a investigação monoliticamente, de outro, representavam um marco seguro para a interpretação de tantos desafios. O objeto (ou objetos) de estudo se pulveriza, os indicadores estão todos em questionamento e as comparações entre as realidades urbanas são indispensáveis para que floresçam novos esquemas interpretativos.

Uma das abordagens em questão, hoje, consiste no “paradigma” das *global cities*.¹ Síntese das contradições capitalistas, reunindo tanto os lados perverso e atrasado quanto o avançado dos primeiros e terceiros mundos, a *global city* reúne as características de ser base do capital financeiro ou pólo de tecnologias de ponta nas indústrias, bem como nas camadas sociais emergentes ligadas à gestão do capital e, também, massas de desempregados, grandes contingentes de trabalhadores informais, conflitos étnicos etc.

A expansão global continua nos anos oitenta com renovada energia, transformando tudo que encontra em seu caminho, subordinando a sociedade e as relações sociais, à lei das mercadorias e do valor de troca.²

Porque é importante sublinhar que a globalização carrega outros conceitos tais como: pós-fordismo, pós-industrialismo e pós-modernismo enquanto características culturais, econômicas e políticas. Não é possível, pois, esquecer que se trata dos laços profundos entre capitalismo e modernidade, elevados à sua maior trepidação histórica. “A longa onda”, a lógica cultural do capital — a essência dos novos tempos —,

¹ Dos autores pioneiros, pode-se citar Saskia Sassen. *The global city*. New York, London Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991. Muitos autores têm trabalhado nessa abordagem, entre outros, J. P. Feagin e M. P. Smith, Jordi Borja, M. Castells e Mollenkof, A. Desmond King e, entre nós, Otávio Ianni, Evelyn Levy. Cf.; também: Maura Vêras. Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial. *Revista Margem*. Fac. de Ciências Sociais PUCSP/FAPESP, nº 6, São Paulo, 1997, dez., pp. 129-154.

² Hall, Stuart. O significado dos novos tempos. Tradução de S. H. S. Borelli. *Revista Margem*, nº 7. EDUC/FAPESP, agosto, 1998, p. 19.

(...) o fato realmente alarmante é que estes novos tempos pertencem, claramente, a uma zona de tempo marcada pela marcha simultânea do capital através do globo e das linhas Maginot de nossas subjetividades.³

De fato, todas as cidades estão integradas de alguma forma na nova divisão internacional do trabalho que (re)distribui riqueza e miséria, bem como desenvolvimento e (sub)desenvolvimento, dependência e autonomia por todo o planeta, como novos pontos cardeais⁴, mas a *global city* representa um enclave de penetração do capitalismo central, pólo de controle na nova rede territorial.⁵ Entre os atributos da cidade mundial figuram aqueles que se referem a seu papel competitivo (e complementar) na escala global — com serviços de telecomunicações avançados, sedes de bancos e empresas transnacionais, declínio das funções industriais e aumento dos serviços e funções gerenciais e terciário sofisticado, polarização social (cidades duais), países de imigração com segregação, guetos, conflitos étnicos e violência. Por isso, é tão significativo pesquisar o tema das identidades, da subjetividade do universo simbólico.

Apesar da caracterização de São Paulo como cidade mundial ser bastante polêmica, pois sempre são colocados em xeque os indicadores para tal, é inequívoco que a capital paulista exerce papéis competitivos no que tange à gestão do capital financeiro e vê se alterarem seus padrões de estruturação urbana e hierarquia social, figurando como cidade mundial primária de país semiperiférico, no estudo de J. Friedmann.⁶

São Paulo concentra as polaridades das cidades mundiais, apresentando processos contraditórios que abrangem desde as conhecidas tendências à

³ Ibidem, p. 20.

⁴ A expressão é de Ianni, O. *Revista Cultura Vozes*, 1990.

⁵ Cf.: Maura Vêras. Op. cit., 1997, onde se discute o conceito típico ideal de cidade global, reunindo atributos, bem como seus críticos e defensores, apontando a importância de contextualizar historicamente a cidade e suas coordenadas nacionais e regionais, além de seu papel internacional.

⁶ Citado por Levy, Evelyn. *Descentralização, democracia e eficiência na gestão da cidade mundial*. São Paulo: tese de doutorado. FGV, 1995, esse autor apresenta como cidades mundiais primárias dos países centrais: Londres, Paris, Roterdã, Frankfurt, Zurique, Nova York, Chicago, Los Angeles e Tóquio. Como cidades mundiais secundárias dos países centrais, refere: Bruxelas, Milão, Viena, Madri, Toronto, Miami, Houston, San Francisco e Sidnei. Quanto aos países semiperiféricos, as cidades mundiais primárias são: São Paulo e Cingapura. Neste bloco, são secundárias as cidades de: Johannesburgo, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Caracas, Taipei, Manila, Bangkok e Seul.

desconcentração metropolitana, à diminuição do número de indústrias e terciarização (em especial com expansão do setor de serviços, telecomunicações e informática) até crescentes exclusão e misérias sociais, aumento do desemprego, informatização, terceirização e a configuração espacial desses processos: periferias desequipadas, crise de moradia popular (favelas, cortiços, casas precárias, *homeless*), condomínios fechados para estratos de renda alta e média e seu contraponto comercial: os *shopping centers*. Na desigualdade do espaço estão zonas de deterioração em contraste com áreas de “renovação” urbana, e a distribuição diferenciada de ocorrências de chacinas, risco à violência, discriminação, além de cenários de devastação ecológica. A questão da configuração de territórios ganha destaque e são exigidos para sua análise, cada vez mais, componentes étnico-culturais e políticos, bem como recorte das identidades.⁷

Busca-se caracterizar aqui a presença estrangeira que ajudou a construir a cidade⁸, em especial no último século, a configuração de *territórios* dos grupos mais expressivos, contribuindo para a compreensão da dinâmica urbana em seus componentes socioculturais. Os resultados obtidos, ainda, apontam um panorama inicial descritivo, embora com a proposição de uma problemática ampla, complexa, apenas delineada através de compilação das principais referências sobre o assunto. A questão da imigração estrangeira ganha hoje novos contornos. De país de recepção, o Brasil passou a “exportar” parte de seus habitantes. A Europa é procurada pelos povos de suas antigas colônias e Japão e Estados Unidos, entre outras razões, são procurados por sua atração de países desenvolvidos.

Aucune législation ne parviendra à contenir les exodes provoqués par la misère, les catastrophes naturelles ou la tyrannie. La véritable mondialisation des flux migratoires est encore à venir et déjà-la ‘forteresse Europe’ n’ est qu’ un mot, sans cesse démenti par l’ ingéniosité de ceux que n’ ont rien à perdre.⁹

⁷ Ver Veras, Maura. A nov(a) c(i)dade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. *São Paulo em Perspectiva*, vol. 9, nº 2 (São Paulo, Fundação Seade, 1995).

⁸ Este artigo procura apresentar resultados preliminares da pesquisa *Territorialidade e segregação socioespacial em São Paulo: movimentos migratórios de massa e marcas significativas no espaço urbano*. Auxílio Integrado CNPq com início em fevereiro de 1997 e ainda em desenvolvimento, contando com os seguintes bolsistas: de aperfeiçoamento, Marcelo Jesus Phintener e de iniciação científica, Adilson Virno e Mário da Fonseca que participaram da preparação de dados e elaboração de relatórios. Apresentam-se panoramas gerais introdutórios. A territorialização, ainda inacabada, não é possível reproduzir nos limites deste artigo.

⁹ Dewitte, Philippe. Les nouvelles frontières de l’ immigration. In: Serge Cordellier et Fabienne Doutaut (coord.) *Mondialisation – au-delà des mythes*. Paris: Découverte, 1997, p. 159.

Treinando o olhar do pesquisador para entender a questão da alteridade na metrópole, pretende-se dar dimensões reais à compreensão da vivência na cidade, com suas oposições, conflitos e formas de sociabilidade: a vida, o vivido, o viver.

O observador deve procurar reunir pedaços, reconstruir espaços fragmentados para delinear uma linha interpretativa que sintetize a totalidade, que supere o olhar do cotidiano, "... desprovido da riqueza crítica do olhar abrangente e livre".¹⁰

É preciso, pois, treinar o olhar para perceber aspectos que nos passam despercebidos em meio à vida cotidiana, quando nunca temos tempo para observar, porque a vida propriamente dita tem que prosseguir, na seqüência dos desempenhos, não podendo ser interrompida, em um tempo linear e sem descontinuidades. "Só vê o que aconteceu quem tem tempo".¹¹ Assim, há o esforço de reconstruir algum sentido em aquilo que não parece ter sentido, recuperando os conflitos do olhar na vida cotidiana e "... distensões, fingimentos e contradições da cotidianidade".¹²

O estrangeiro é apreendido de duas formas: a nacionalidade dos que entram em São Paulo (e assim os apanham os censos demográficos) e como presença econômica, social e cultural (recuperado pela bibliografia e entrevistas). É preciso distinguir também os estrangeiros dos que são chamados de imigrantes, atrelados a fluxos específicos bancados pelo governo do país de origem ou de adoção.

No contexto da globalização da economia e do impacto das tecnologias, em especial das telecomunicações e informática, a cidade de São Paulo vem apresentando processos comuns às megalópoles globais, com processos de dualização e fragmentação que caminham juntos com homogeneização e heterogeneização social.

A cidade pode ser um caleidoscópio de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e scitas, modo de vestir e alimentar, etnias e raças, problemas e dilemas, ideologias e utopias. Algumas sintetizam o mundo, diferentes características da sociedade global, tornando-se principalmente cosmópoles, mais que cidades nacionais.¹³

¹⁰ Martins, José de Souza. *A metamorfose do olhar em Janela Indiscreta de Alfred Hitchcock*. mimeo, s/d.

¹¹ Idem.

¹² Ibidem.

¹³ Ianni, Octavio. A cidade global. In *Revista Cultura Vozes*, vol. 88, nº 2, março-abril de 1994, p. 28.

A questão urbana torna-se sempre mais complexa, envolvendo aspectos econômicos, sociais, políticos, étnicos, culturais. Na nova divisão internacional do trabalho e dos deslocamentos do capital, os espaços urbanos contêm as novas funções da competitividade e da conectividade, verdadeiros “tecnópolis” e “telepolis”. Quer para aqueles estudiosos que enfatizam a produção industrial, em moldes pós-fordistas e flexíveis, quer os que apontam o predomínio do capital financeiro e do terciário superior, as cidades mundiais preocupam-se com a velocidade da produção de mercadorias, de idéias, das pessoas, da cultura e, sobretudo, da informação.¹⁴

Há quem afirme que a globalização da economia torna cada vez mais visível o terceiro-mundismo dos centros urbanos, revelando uma massa de excluídos, a polarização de classes, gênero e raça, com crescente número de sem-terra, sem-habitação, carentes de serviços urbanos básicos (...) Mais que isso, com a rede catódica da TV, a eletrônica, a telemática, estamos todos *on line*... em franco processo de ocidentalização da cultura. Isso tudo não impede os movimentos contraditórios entre global e local no interior (e exterior) das grandes cidades. As tensões da grande cidade se manifestam entre elementos provincianos e nacionais, locais e globais, refletindo a contradição do mundo.¹⁵

Também é digno de destaque o tema das territorialidades, das (des)territorializações e (re)territorializações de vastos contingentes de migrantes, antes estrangeiros e hoje principalmente nacionais, que para cá vieram trabalhar e deixaram marcas significativas no espaço urbano: arquitetura, estilos de vida, cultura, hábitos alimentares, espaços públicos, rios, praças, monumentos em diferentes redes de sociabilidade.

São Paulo tornou-se uma das cidades mais cosmopolitas do mundo: ítalo-franco-lusitano-nipo-germânico-saxã. Mas não nos enganemos, não é a Europa ou a América do Norte com alguns detalhes exóticos. Tomar São Paulo por um pedaço da Europa ou uma réplica de Nova York é nada compreender de Mário de Andrade ou Tarsila do Amaral. Por toda parte, a civilização mistura-se ao primitivismo indígena e àquilo que deixaram os herdeiros dos escravos africanos, cujos atabaques ressoam desde as oito horas

¹⁴ Preteceille, E. Cidades globais e segmentação social. In L. Cesar Queiroz Ribeiro e Orlando A. dos Santos Jr. (orgs.): *Globalização, fragmentação e reforma urbana – o futuro das cidades brasileiras em crise*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994, pp. 65-92.

¹⁵ Vêras, Maura. A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre novos nômades urbanos. *Revista S. Paulo em Perspectiva*, São Paulo: SEADE, vol. nº 2, abr.-jun. de 1995, pp. 12-13.

da noite em milhares de terreiros (...) a redução de São Paulo à sua ocidentalização é uma ilusão.¹⁶

A questão da territorialidade se acopla, pois, ao debate da alteridade e da multiculturalidade, chamando a atenção para dimensão espacial da cidadania. Nossa cultura barroca, de fachada, não tem dado conta da igualdade de direito à maioria e no reconhecimento da alteridade para os excluídos do campo, da floresta e na cidade.¹⁷

O acesso à terra e aos espaços urbanos, mediatizado pelos rendimentos da população e submetido ao valor fundiário, combina determinações econômicas às de etnicidade e gênero.

Embora não se relacione direta e univocamente à reorganização dos espaços paulistanos pela influência da globalização, pois que há a contextualização — as coordenadas socioeconômicas locais/nacionais são decisivas — é inegável que atualmente, na busca das vantagens lucrativas oriundas da competitividade, empreendedores imobiliários (também ligados ao capital financeiro) têm investido na construção de edifícios de escritório e habitações luxuosas, restringindo a aplicação no mercado habitacional de baixa renda. Por seu lado, políticas oficiais de moradia popular são inexpressivas, assim como políticas urbanas têm privilegiado o sistema viário e a circulação por automóvel.¹⁸

Resulta disso tudo um cenário de esvaziamento de certas regiões e crescimento de outras; projetos de renovação urbana expulsam moradores para mais longe. Bairros se descaracterizam, referências urbanas se destróem. As periferias se esvaziam e se (re)alimentam: há “sem-teto” e excluídos pela cidade toda. Assim, é mais complexa a situação que a oposição binária centro e periferia. Fala-se em diminuição perversa da segregação, na medida em que a pauperização e a desigualdade de acesso ao ambiente construído provoca o surgimento de “cidadelas” — conjuntos habitacionais exclusivos e fortificados para rendas médias e altas —, e têm seu complemento na proliferação dos *shopping centers*, enquanto a pobreza se acomoda nos interstícios das porções centrais, agora desvalorizadas, nos cortiços, nas favelas, nas periferias, em um nomadismo sem opção, bem diferente do imaginado pelos entusiastas do *Infocosm*, ou da cidade do ICE — Informação, computação, entretenimento.¹⁹

¹⁶ Laplantine, François. *Cosmopolita e brasileira*. In Claude Olievenstein e François Laplantine: *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p. 26

¹⁷ Cf. Martins, José de Souza. *A chegada do estranho*. São Paulo: Ed. Hucitec.

¹⁸ Vêras, Maura. *Novos olhares sobre a cidade*. Op. cit., 1997.

¹⁹ Idem. *A nov(a) (c)idade do gelo*. Op. cit., 1995.

Os ocupantes da cidade, seus usuários e habitantes, muitos migrantes, “des”territorializados e (re)territorializados, perdem novamente suas novas raízes, cada vez mais expulsos pelos mesmos processos. São a segregação, a *gentrification* que são mais numerosas na história social e urbana do que os capítulos voltados à garantia dos direitos à moradia e ao espaço urbano.

Ao abordar a questão da territorialidade e segregação socioespacial na cidade de São Paulo, procurou-se identificar os principais movimentos migratórios, suas marcas significativas nos padrões habitacionais, cultura e modos de vida, as categorias socioprofissionais mais frequentes e uma certa localização dos grupos étnicos no espaço urbano.²⁰

A reconstrução da história social de São Paulo, de maneira geral, e a da historiografia das imigrações (estrangeira e nacional) em particular, constituiu-se significativa contribuição para os estudos da configuração urbana, a localização de diferentes grupos, atividades e etnias no espaço, uma vez que a cidade recebeu vários contingentes populacionais em um processo que muitos caracterizaram apressadamente como o de um “cadinho de etnias”, *melting pot*.

Além disso, tal assunto é fundamental para a efetiva e plena participação na gestão e fruição da cidade, visando condições de pluralismo cultural, o reconhecimento da alteridade e multiculturalidade. Um urbanismo democrático não pode ignorar as reais condições de vida dos habitantes, nem seus valores, identidade, memória e o direito ao seu “local”, laços de vizinhança, conterraneidade e sociabilidade.

TERRITORIALIDADE

A questão do território tem recebido várias interpretações. Do ângulo político, o território é conceituado como área de jurisdição de um Estado. Mas se encarada a origem dessa concepção, tem-se que, de forma mais ampla, a territorialização diz respeito à ocupação de um determinado espaço por determinado grupo humano, constituído por algum critério social: etnia, nacionalidade, condição sócio-econômica, nível cultural e outros. Nessa medida, é possível estabelecer relação intensa entre territorialidade e segregação sócio-espacial e, de modo abrangente, com a *cidadania*.

Embora o tema possa ser debatido à luz de muitas ciências e pontos de vista, pois do ângulo biológico fala-se de “territórios” de bandos de mamíferos

²⁰ Muitos estudos têm sido feitos sobre a imigração estrangeira entre nós. Não é possível reproduzi-los aqui, mesmo que por compilação sumária. O enfoque principal deste estudo é a territorialidade, a luta pelo espaço, a convivência intensa ou não de nacionalidades, culturas, sujeitos, identidades e suas expressões.

e do alto teor de defesa e sobrevivência dos líderes do grupo naquele espaço, o assunto tem a ver com poder e força; no caso humano, emerge a questão política. Os conceitos de M. Weber sobre poder são oportunos aqui.²¹ Entendido tipicamente como a probabilidade de alguém impor a própria vontade a outrem em uma relação social, acentua-se o atributo da força — da potência do mandante em impor sua própria vontade, independente de encontrar resistência. Do ponto de vista biológico isso se aplica claramente ao caso citado de bandos animais. Também é importante registrar aqui as noções de “espaço vital”, — território alimentar —, desenvolvidas por alguns autores e que serviu de argumento racista para a opressão nazista.

A propósito, a questão da raça e suas relações com cultura, amplamente discutida por Claude Levi Strauss²² alerta para que a ciência não seja utilizada como preconceito racista ao inverso; ao definir raça como um dado conjunto de propriedades puramente biológicas particulares, está-se desconsiderando as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas; quando se diz da contribuição das raças humanas à civilização está se querendo dizer das culturas em circunstâncias geográficas, históricas e sociológicas e não pelos atributos anatômicos. A grande diversidade de culturas, sociedades e civilizações não é devida às diferenças biológicas, distinguindo-se mais pela ordem de grandeza: há mais culturas (contam-se por milhares) que raças (contam-se por unidades) o que é instigante para o estudioso da diversidade cultural. O etnocentrismo, presente em muitas atitudes inconscientes, tende a se manifestar diante das culturas estranhas e afastadas, exprimindo-se nas frases “hábitos selvagens”, “na minha terra é diferente”, certa repulsa diante da diversidade, da alteridade. Esse “outro estranho” já foi chamado de “bárbaro” pela civilização greco romana. Levi Strauss exemplifica:

Nas grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para pesquisar se os indígenas tinham ou não uma alma, estes últimos dedicavam-se a imergir brancos prisioneiros, a fim de verificar, após uma vigília prolongada, se seu cadáver estava sujeito ou não à putrefação.²³

²¹ Weber, M. *Economia y sociedad*, México, FCE, 1946. Ver projeto de pesquisa: Véras, Maura, *Territorialidade e segregação socioespacial em São Paulo – movimentos migratórios de massa e marcas significativas no espaço urbano*. Projeto Auxílio Integrado CNPq/1997.

²² Strauss, Claude Levi. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Ed. Luna, 1962.

²³ *Ibidem*, p. 334.

No caso da territorialidade burguesa, a distribuição espacial da população obedece às leis do mercado imobiliário e é efeito de decisões de governo e políticas públicas, sendo as áreas residenciais sujeitas a discriminação e segregação socioeconômica, eventualmente étnicas, demonstrando que relações de força são associadas às relações de poder de compra/locação.

Trata-se de uma privatização do espaço produzido coletivamente por estratos sociais ou etnias ou a uma dada interpenetração delas: há uma combinação dos efeitos segregadores do mercado e de discriminação étnico-cultural, formando, pois, uma territorialidade marcada pelo “*apartheid* social”.

A desigualdade no território urbano também se expressa, além das condições de moradia e nível de vida da sua população residente com consequentes perfis culturais e ocupacionais, na existência de áreas desprovidas de equipamentos, despojadas de serviços essenciais à vida individual e social, sem “cidadãos”.

A espacialidade burguesa se apresenta como parcial, truncada, pois apesar de imensa (na medida em que se universaliza) é ao mesmo tempo especializada, reduzida às suas funções. Nesse sentido, é espaço da alienação, objetificado, reificado. A grande maioria dos cidadãos se “apropria” da cidade através de seus medos e seus afetos, fragmentando o espaço.

O espaço tem muito de parecido com o mercado. Ambos, através do trabalho de todos, contribuem para a construção de uma contrafinalidade que a todos contém funcionalmente e, malgrado eles, os define. Mercado e espaço, forças modeladoras da sociedade como um todo, são conjuntos de pontos que asseguram e enquadram diferenciações desigualizadoras, na medida em que são, ambos, criadores de raridade. E como “o mercado é cego para os fins intrínsecos das coisas”, o espaço assim construído é, igualmente, um espaço cego para os fins intrínsecos dos homens. Daí a relação íntima e indissociável entre alienação moderna e o espaço.²⁴

Ao mesmo tempo, a cultura impregna todas as atividades urbanas e também a territorialidade que é forma de comunicação dos residentes com o entorno, com seu grupo e nos dá a consciência da pertinência a um lugar. Por fim, os deslocamentos migratórios muitas vezes agridem o indivíduo, “roubando-lhe” a territorialidade, levando-o ao estranhamento simbólico. Assim, “desterritorialização e desculturização” são processos sociais que se desencadeiam dialeticamente, pois o migrante no novo ambiente “perde” e “doa” nova cultura, novo quadro de vida.

²⁴ Santos, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Livraria Nobel, 1987, p. 60.

Institui-se, pois, um sistema de recompensas diferenciais para localizações espaciais diversas. Isso se aplica aos que apresentam mobilidade socioespacial, aos que migram e aos que não migram. Por isso é inegável a relação entre renda, classe social, lugar, etnia e a ocupação desigual do espaço urbano.

Os bairros operários, tanto por acordo inconsciente e tácito como por intenção consciente e confessada, estão rigorosamente separados das zonas da cidade reservadas à classe média.²⁵

A cidade capitalista industrial acaba por dissimular a desigualdade, tentando isolar suas partes malditas, vergonhosas, afastando moradias populares para longe, evitando até caminhos em sua direção, ou maquilando-os. A competição pelo solo urbano é intensa entre os usos habitacional, industrial, comercial e serviços e o mercado de preços alija as parcelas de menor renda. O valor fundiário em São Paulo cresceu desmesuradamente diante das possibilidades de consumo da maioria dos habitantes, e o valor de uso da terra se submeteu ao seu valor de troca. A cidade velha se desfigurou, construiu-se freneticamente, as políticas regulativas do solo urbano foram coniventes com os interesses da iniciativa privada, e a pobreza veio a se alojar em soluções precárias como a periferia desequipada e casas autoconstruídas, favelas, cortiços. Assim, o quadro habitacional é segregatório, hierarquizado pela renda de seus moradores. Como diz J. Le Goff, a cidade contemporânea guarda muitas semelhanças com a medieval, substituindo suas muralhas e pontes pelas periferias, guetos fortificados e com algumas funções reexperimentadas.²⁶

ALTERIDADE, MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO

Ao invés de proporcionar apenas homogeneização cultural e unidade mundial, a “globalização”, paradoxalmente, tem dado origem a um verdadeiro “espetáculo das diferenças”, à “afirmação das etnicidades”.²⁷

Esse é o panorama contrastante, pondo, de um lado, uma Europa unificada e, de outro, processos “locais” muito fortes: novas nacionalidades, tribalização e o lado obscuro do racismo que não se apagou, mesmo após o forte impacto da lição deixada pela Segunda Guerra Mundial.

²⁵ Engels, F. apud Lefebvre, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*, Póvoa de Varzim, Ed. Ulissea, p. 119.

²⁶ Cf.: Le Goff, Jacques. *Por amor às cidades*. trad. Reginaldo Moraes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

²⁷ Ver Schwarcz, Lilian M. e Queiroz, Renato da S. (orgs). *Raça e diversidade*. São Paulo: Estação Ciência/CNPq/EDUSP, 1996, p. 13.

No caso brasileiro, o passado colonial, a larga experiência escravocrata e o cosmopolitismo de suas principais metrópoles configuraram uma determinada feição de convivência de etnias e de nacionalidades. De qualquer forma, o enfrentamento da questão da alteridade e da diferença é inegável entre brasileiros — o estrangeiro constituiu a imensa maioria de seus colonizadores (portugueses) e de seus trabalhadores (africanos, depois imigrantes europeus, asiáticos). Seus descendentes constituem a maioria de seus cidadãos, embora, hoje, haja novos fluxos, novas nacionalidades.

Enlaçando-se, pois, o tema da alteridade ao da subjetividade, evidenciam-se processos ligados à vida urbana: segregação, etnia, gueto, identidade, surgindo representações específicas. Os estudos de Peter Marcuse, Loic Wacquant, Logan têm enfatizado o peso das etnias na disputa pelo trabalho, espaço e conquista de cidadania.²⁸

Assim, nas questões ligadas à alteridade, estão imbricados o universo simbólico e o imaginário, de maneira geral, que dependem e alimentam o que se convencionou chamar de representações.

A esse respeito, a palavra de Moscovici é referência obrigatória:

Uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. Encarada de um modo positivo, ela é apreendida a título de reflexo na consciência individual ou coletiva de um objeto, de um feixe de idéias que são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante: a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem. É nesse sentido que nos referimos, freqüentemente, a representações (imagem) do espaço da *cidade*, da mulher, da criança, da ciência, do cientista e assim por diante. A bem dizer, devemos encará-la de um modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado no exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos a relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações constituídos por (e no discurso) miríades de interações sociais. Ela reproduz, é certo. Mas essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das

²⁸ Cf.: Marcuse, Peter. The ghetto of exclusion and the fortified enclave. *American Behavioral Scientist*. Vol.41, nº 3. Ed. Sage, 1997. J. Logan, R. Alba & McNulty, T. L. As minorias nas cidades globais. *Cadernos IPPUR*. ano X, nº 2, 1998. Wacquant, Loic. De civilization et diabolisation: la mutation du ghetto noir américain. In: C. Fauré et Bishop (coord), 1995. Loic Wacquant. Proscritos da cidade. *Novos Estudos*. Nº 43, São Paulo, Cebrap, 1995.

noções e das regras de que ele se torna doravante solidário. (...) Aliás, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco; ele deixa muita liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo. (...) Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.²⁹

Como nos diz Moscovici, pois, as representações são como um

(...) "corpus" organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas e liberam o poder de sua imaginação.³⁰

Dessa forma, é nas relações sociais — e no cotidiano, que conhecimentos socialmente estruturados e culturalmente aceitos irão condicionar as elaborações individuais e estas, vice-versa, contribuem socialmente, constituindo um movimento duplo e recíproco.

Assim, produtos sociais dinâmicos, as representações sociais características da modernidade são aquelas que espelham inovações trazidas pela racionalidade burguesa, instrumental e, também, evidenciam classes sociais e pessoas que ocupam posições diferenciadas, móveis, onde circulam idéias diferentes — o politeísmo de valores, falado por M. Weber.³¹

Produção simbólica, imaginário — maneiras de ver a realidade (objetivação e subjetivação) muitas vezes naturalizam conceitos, dão realidade ao que é abstrato — classificam, selecionam. Por isso, o tratamento dado ao *outro*, ao diferente vai depender de *memória* individual e coletiva, do processo de constituição da identidade e do cotidiano.

Também a memória se embebe ou se apaga nesse conjunto dos significados coletivos trazidos pela cidade contemporânea.

A cidade ampliada, dividida, fragmentada é apropriada como imagem tecnológica — nas fotografias, filmes e vídeos captados — não mais pelos que convivem cotidianamente com seus espaços, mas apenas pelos turistas e viajantes. Os que transitam diariamente pelos espaços da cidade não têm mais tempo de refletir sobre suas mudanças. (...) O espaço da memória da cidade muda assim de

²⁹ Moscovici, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, pp. 25-26. (grifos nossos)

³⁰ *Ibidem*, p. 28.

³¹ Weber, M. *Ciência como vocação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1973.

direcionamento e de suporte. Não representa mais um momento representativo da história coletiva da cidade. Deixa de ser também a marca afetiva e evocativa de momentos significativos na vida de seus habitantes. (...) Os marcos da cidade (prédios, praças, monumentos, viadutos, ruas, avenidas) perdem sua singularidade para reaparecerem apenas na memória como pontos de referência no fluxo constante.³²

Tal cidade “superexposta”, marcada pela velocidade, desconhece a unidade,

é uma grande rede tecida por pontos de partida e de chegada, pela qual circulam pessoas, imagens e informações. A velocidade máxima, padrão de deslocamento e escola de conduta, mina aos poucos a geografia e o próprio significado dos lugares, a ponto de atravessar-se o espaço urbano como se ele fosse um grande deserto.³³

Nesse espaço desertificado, há deslocamentos constantes que se movimentam polarizados por territorialização e desterritorialização, definindo zonas de fixação e banimento.

Ao lado dos espaços abertos desses antigos bairros, onde todos transitam, novas formas de aglomerações urbanas tornam-se — pela multiplicação geométrica com que elas vêm ocorrendo nos últimos anos — verdadeiros territórios entrincheirados, com fronteiras concretamente definidas e policiamento ostensivo que impedem ao “estrangeiro” não morador, a simples circulação em seus territórios.³⁴

Paradoxalmente, quanto mais conectado o mundo todo pela comunicação planetária, mais fragmentado está, mais desterritorializado mediaticamente. Aí, é preciso rever o conceito de *fronteira*: entre países, nações, continentes. É um “nada limítrofe”, dando a entender que a *pólis* do século XXI será sem fronteiras, pela existência das comunidades supranacionais. Mas, internamente, em cada cidade, novas territorializações e fronteiras internas — a das alteridades

³² Moscovici, Serge. Op. cit., pp. 25-26.

³³ Coletivo NTC. *Pensar Pulsar – cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1993, pp. 148-149 e 152. Ver também Vêras, Maura. A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação SEADE, 1995, vol 9, nº 2, pp. 10-20.

³⁴ *Ibidem*, p. 153.

— fronteiras entre seus próprios bairros, entre zonas ricas e pobres, culturas diferentes, “guetos” que destróem a idéia comunal de cidade.³⁵

Assiste-se hoje ao dismantelamento da memória por parte das sociedades camponesas, tribais — tudo passou para a história — das nações.

É o mundo inteiro que entrou na dança pelo fenômeno bem conhecido da mundialização, (...) da massificação, da mediatização. (...) Fala-se tanto de memória, porque ela não existe mais. (...) Há locais de memória, porque não há mais meios de memória. (...) É o modo mesmo de percepção histórica que, com a ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade.³⁶

Se habitássemos ainda a nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares, porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências ou de repetidas revitalizações. É um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (...) Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (...) A memória instala a lembrança no sagrado. (...) Emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Holbwachs o fez que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (...) Se enraiza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.³⁷

⁵ Cf.: *Ibidem*, p. 156.

³⁶ Nora, Pierre. Entre memória, história, a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História – PUCSP, dez./1993, tradução de Yara Aun Khoury, pp. 7-28.

³⁷ *Ibidem*, pp. 7-9. O autor contrasta *memória* e *história*, esta última caracterizada como laica, abstrata, universal, como reconstrução intelectual da vida que não existe mais; ela demanda análise e discurso crítico que seja liberto do sagrado, por isso, prosaica. Pertence a todos e a ninguém, está ligada às continuidades temporais, às evoluções, às relações entre as coisas, pois que, só conhece o relativo.

Por isso é tão importante ouvir esses grupos de estrangeiros na cidade de São Paulo, captando-lhes os sentidos, as lembranças, as nostalgias, os conflitos e a rede de relações. O estrangeiro — talvez no sentido psicanalítico, como enigmático, sedutor, traumatizante — é composto da dualidade eu/outro, atravessado por cisões, outro construído como necessidade de afirmação do si mesmo, “retorno recalcado, aquilo que se confunde com o outro, aquele que não é eu, mas, não obstante, habita em mim”.³⁸

Identidades territoriais podem provocar xenofobia e segregação ou, ainda, colaborar para a formação da identidade de classe, como a operária, por exemplo, a partir da socialização. Os trabalhos de Castells e J. Mollenkopf³⁹ sobre Nova York apontam a possibilidade de que as desigualdades socioespaciais levem à fragmentação das identidades sociais, pois etnia, gênero e ocupação dispersam as camadas subalternas, enquanto elites de executivos dispõem de coesão social por alta capacidade de se organizarem.

Convém, pois, estudar que efeitos advirão da combinação de fatores étnico-raciais, culturais; quais resultados serão identificados a processos de dualização, fragmentação e, no limite, marginalização (ou inserção marginal) e exclusão.

A dimensão etno-racial e a estigmatização social constituem importantes fatores na identificação das desigualdades e dos processos de segregação e conflito. No limite, a reflexão sobre o gueto e o racismo é oportuna porque envolve os aspectos de laços e de rupturas.

A meu ver, o racismo não tem a ver com a questão das diferenças. O que leva ao racismo não parece ser a incapacidade para suportar a diferença; muito pelo contrário, o que leva ao racismo, o que exaspera alguém até torná-lo racista, é ver o *diferente* tornar-se o *mesmo*, ou seja, é ver o *outro* como muito parecido e, por isso, sentir-se ameaçado na sua identidade. (...) A diferença protege a identidade. Nós nos definimos sempre em relação a um diferente, pela comparação. A diferença é tranquilizadora. Só quando alguém se vê ameaçado na identidade é que precisa carimbar uma estrela de Davi amarela na roupa do judeu, precisa ressaltar a cor e outros artifícios mais absurdos. (...) É no momento em que se tem medo de perder a identidade, de uma perda de contorno próprio, que se precisa definir algo de diferente no outro. É a união do *diferente* no *mesmo* que leva a suportar mal o fato de ser o *mesmo* que se

³⁸ Koltai, Caterina. *O estrangeiro*. São Paulo: Ed. Escuta, 1994.

³⁹ — *Dual City*. New York: the Russel Foundation, 1991 — apostam na diminuição dos setores médios, surgindo a Polarização Social.

mostra em diferentes estados. O que acontece é que se fabrica — do modo mais arbitrário, com os meios que se têm à mão — um *outro*. Na marra.⁴⁰

RESGATANDO A HISTÓRIA⁴¹

A história de São Paulo não poderia ser escrita sem se considerar o fenômeno das correntes migratórias do mundo. De fato, para cá vieram pessoas de todos os continentes e de todos os Estados brasileiros, num fenômeno de deslocamento populacional jamais presenciado antes em nossa história. O Município de São Paulo, que em 1872 contava com 31.385 pessoas, passou a ter 6 milhões de habitantes um século depois e, em 1980, 8,4 milhões de pessoas.⁴² De um burgo de estudantes, construído à base de taipa à época do início do Império, passou a ser a principal e maior cidade do país e uma das maiores do mundo.

O fluxo imigratório da Europa para o Brasil, sobretudo no período final do século passado e no início deste século, foi um fenômeno importante. De 1891 a 1920 mais de 2,5 milhões de imigrantes desembarcaram em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Santos e também em Vitória. Provinham de diversas partes do mundo, mesmo da Ásia, mas a grande maioria era composta de europeus, portugueses, espanhóis, alemães, holandeses e, naturalmente, italianos. (...) A emigração européia significou muito para o Brasil. Significou muito em termos quantitativos, porque foi a causa principal do rápido crescimento demográfico do país e contribuiu muito para o processo de urbanização. Mas significou muito mais ainda em termos qualitativos porque marcou de modo considerável o desenvolvimento econômico agrícola e industrial, a vida política e civil, o crescimento cultural e artístico. (...) A fisionomia do Brasil não seria hoje a mesma sem a contribuição daqueles milhões de emigrados europeus, de seus filhos, de seus netos.⁴³

⁴⁰ Chnaiderman, Miriam. Racismo, o estranhamento familiar – uma abordagem psicanalítica. In: Schwarcz, Lilia M. e Queiroz, Renato da S. (orgs). *Raça e diversidade*. Op. cit., p. 85.

⁴¹ Cf.: Véras, Maura e Nery Jr., José Marinho História da imigração para São Paulo. SEMPLA/ São Paulo, 1994 (mimeo). Ver principalmente Fausto, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991.

⁴² Os dados populacionais utilizados baseiam-se nos Censos Demográficos – FIBGE

⁴³ Boni, L. A. de (org). *A presença italiana no Brasil*. Fondazione Giovanni Agnelli, vol.2, Porto Alegre, 1990, p. 17.

Para investigar cronologicamente essa imigração para São Paulo, e para efeito metodológico da pesquisa, dividiu-se o período estudado em cortes históricos que correspondem a fatos que modificaram o cenário político e, portanto, os fenômenos migratórios para a cidade.

Em caráter preliminar, esquematiza-se uma periodização:

- O primeiro período corresponde de 1870 até o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Nesse período, observa-se o início do processo de industrialização da cidade de São Paulo e a chegada de grande número de imigrantes europeus e asiáticos. De 31 mil pessoas em 1872, a cidade passa a 239,8 mil em 1900, apresentando nessa última década do século passado um crescimento de 13,96% ao ano. Em 1920, a população do município era de 579 mil habitantes.
- O segundo compreende o entre-guerras, de 1920 a 1945, ou seja, até o final da Segunda Guerra Mundial; nesse período, a cidade vai quase quadruplicar em quantidade de moradores, de modo que, em 1950, o censo aponta uma população 2.198.096 habitantes.
- O terceiro período compreende o pós-guerra até 1980, onde se observa a metropolização da economia paulistana e a conurbação do território da cidade com outros municípios limítrofes.
- Um quarto período refere-se aos anos 80 e 90, período atual, que mereceu um estudo específico.⁴⁴

A informação censitária refere-se aos residentes de nacionalidade estrangeira no momento do recenseamento. Esses dados apenas indicam a proporção de estrangeiros na cidade, mas não consideram o processo, a descendência, a influência cultural e as suas marcas. Estamos, pois, apresentando esse dado preliminar de uma certa geografia dos estrangeiros que deverá ser complementada no prosseguimento da pesquisa com as contribuições advindas da pesquisa bibliográfica e da história oral, apreendida por entrevistas com estrangeiros — memória de velhos.⁴⁵

⁴⁴ O presente trabalho, embora descritivamente, concentra-se no quarto período. Para uma análise das territorialidades paulistanas, em perspectiva histórica, reconstruindo os séculos XIX e XX, veja-se *Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo*, texto apresentado ao XXI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1998.

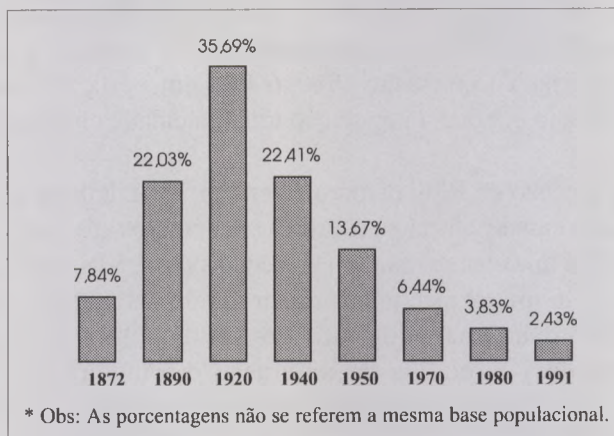
⁴⁵ As presentes considerações baseiam-se no Relatório de andamento da pesquisa *Territorialidade e segregação em São Paulo: espacialização dos movimentos migratórios e marcas significativas no espaço urbano*.

TABELA 1. POPULAÇÃO TOTAL E ESTRANGEIROS NAS DATAS DOS RECENSEAMENTOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Datas do cens	População total (A)	População de estrangeiros (B)	% B/A
1872	31.383	2.459	7,84%
1890	64.934	14.303	22,03%
1920	579.033	206.637	35,69%
1940	1.326.261	297.214	22,41%
1950	2.198.096	300.430	13,67%
1960	3.788.857	s/informação	s/informação
1970	5.924.615	381.697	6,44%
1980	8.493.226	325.540	3,83%
1991	9.626.898	233.643	2,43%

Fonte: IBGE.

GRÁFICO DEMONSTRATIVO DO PESO PERCENTUAL DOS ESTRANGEIROS NA POPULAÇÃO TOTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO EM DIFERENTES DATAS DE RECENSEAMENTO



O intenso movimento migratório estrangeiro para a cidade de São Paulo, está localizado, principalmente, no período que compreende de 1872 a 1920, em cujo fluxo predominam as seguintes correntes migratórias: italiana, portuguesa, japonesa, espanhola e alemã.

Além de oferecer um panorama do que foi o fluxo de estrangeiros para o município, os dados expressam também a dimensão do peso dos imigrantes, tanto na composição da população paulistana, quanto na organização da cidade de São Paulo. Em 1890, do total de 38 mil estrangeiros declarados no Estado, 14 mil estavam na cidade de São Paulo, representando quase 37% de toda a população estrangeira residente no Estado.

Nesse período de maior aporte de imigrantes estrangeiros, sobretudo em função da expansão da economia cafeeira, um dos motores que impulsionou o grande fluxo migratório, observamos o pleno crescimento da população de estrangeiros no município: de apenas 7,84% em 1872, passaram para 22,03% em 1890 e saltaram para 35,59% em 1920. Em números absolutos, de aproximadamente 2,5 mil estrangeiros em 1872, a cidade passa a ter 206,6 mil em 1920, perfazendo quase a metade dos habitantes da cidade.

No segundo período, (1920 até 1944 aproximadamente), a cidade aumenta quase quatro vezes sua população, mas, do censo de 1940 em diante, notamos significativo declínio de estrangeiros na cidade, tendo como um dos motivos desse decréscimo o regime de quotas criado pela Constituição de 1934, que não só limitava a entrada de estrangeiros no Brasil, como também lhes fiscalizava a circulação e a localização. A Segunda Guerra Mundial afeta esses deslocamentos populacionais.

No ano de 1940, de um total de 1,3 milhões de habitantes no município, declaravam-se estrangeiros residentes na cidade 22,41% da população. Durante o terceiro período (de 1945 até a década de 70), essa proporção vai decaindo progressivamente para 13,67% em 1950, 6,44% em 1970, 3,83% em 1980 e 2,43% em 1991, ano em que a população total da cidade chega a 9,6 milhões de habitantes.

Embora o censo de 1940 demarque, em termos relativos, o decréscimo de estrangeiros na cidade, ele não o expressa em números absolutos, no período de 1945 a 1980, já que eles se mantêm crescentes de 1950 a 1970, saltando de 300 mil para 381,6 mil, respectivamente, decaindo para 325,5 mil em 1980. Apenas em 1991, quarto período analisado (1980 a 1991), pode-se falar em diminuição absoluta e relativa da imigração estrangeira em São Paulo. Importante registrar que foi a partir de 1940 que os migrantes nacionais se dirigiram massivamente para o sudeste do país e São Paulo recebeu expressivos contingentes, quando de sua industrialização associada (de 50 em diante).

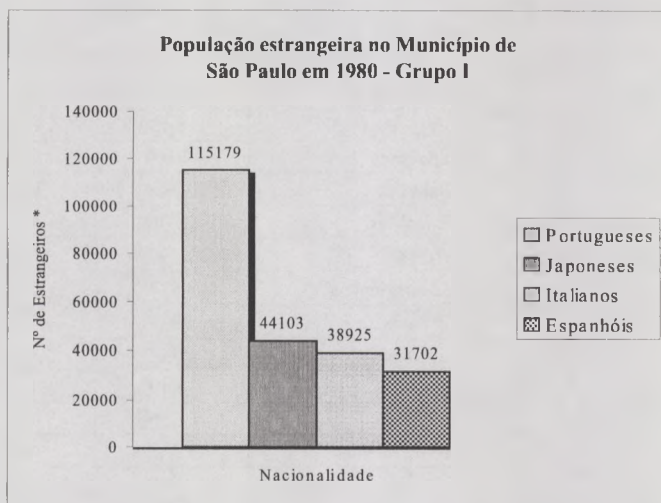
ESTRANGEIROS NA PAULICÉIA EM TEMPOS GLOBAIS

TABELA 2. POPULAÇÃO RESIDENTE POR NACIONALIDADE EM 1980

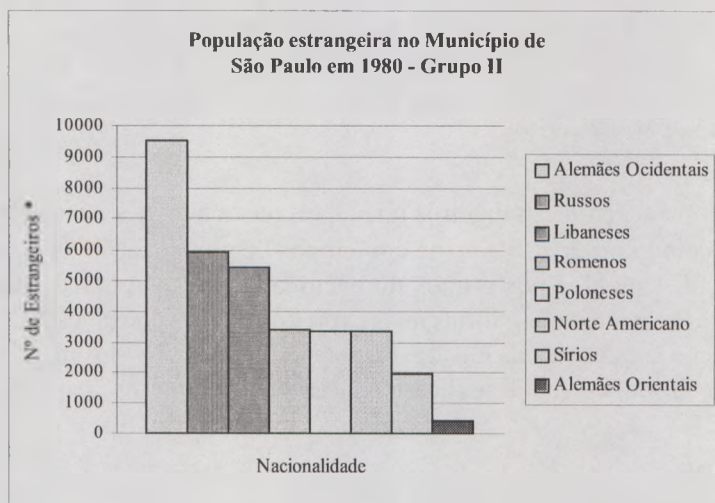
Grupo	Nacionalidade	nº	%
Grupo I	Portugueses	115.179	35,38
	Japoneses	44.103	13,55
	Italianos	38.925	11,96
	Espanhóis	31.702	9,74
	TOTAL	229.909	70,62
Grupo II	Alemães ocidentais	9.512	2,92
	Russos	5.945	1,83
	Libaneses	5.427	1,67
	Romenos	3.419	1,05
	Poloneses	3.356	1,03
	Norte americanos	3.333	1,02
	Sírios	1.950	0,6
	Alemães orientais	400	0,12
	TOTAL	33.344	10,24
Grupo III	Argentinos	7.934	2,44
	Bolivianos	3.213	0,99
	Uruguaios	2.715	0,83
	Paraguaios	1.607	0,49
	TOTAL	15.469	4,75
	Outros	44.207	13,58
	Sem declaração	2.611	0,8
	TOTAL ESTRANGEIROS	32.5540	100

Fonte: Censo Demográfico - 1980.

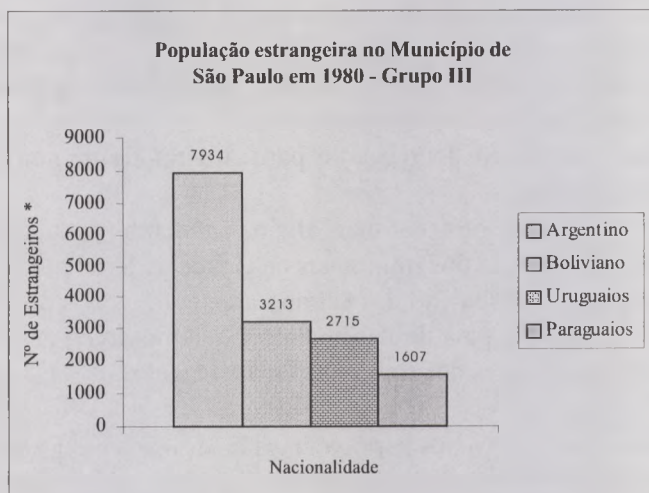
A população de estrangeiros residentes na cidade, nas décadas de 80 e 90, vai decaindo progressivamente em tempos de globalização da economia. Em 1980, distribuídos por grupos de nacionalidades, o grupo I, composto pelas quatro correntes migratórias mais expressivas, é responsável por 70,62% da população estrangeira da cidade, respondendo por 2,7% dos habitantes do município. O gráfico seguinte ilustra o Grupo I em números absolutos.



O Grupo II, constituído por nacionalidades de freqüências menos expressivas, oriundas de dois continentes (Europa, Ásia) e da América do Norte, concentra 10,24% dos estrangeiros na cidade, em números absolutos, conforme demonstra o gráfico abaixo.



O grupo III, composto por latino-americanos, perfaz quase 5,0% das nacionalidades declaradas no censo de 1980, correspondendo, os 14,38% restantes, a "outros" e "sem declaração", conforme é evidenciado no gráfico abaixo.



Em 1991, os números absolutos e os percentuais relativos aos estrangeiros residentes em São Paulo, em ordem decrescente, repetindo a característica observada no censo anterior (1980), revelam que o grupo imigrado de maior presença é o de portugueses (34,07% dos estrangeiros), seguido dos japoneses (12,0%), italianos (11%) e espanhóis (8%). Tais contingentes compõem o chamado Grupo I que em 1980 representava o peso de 70,62% dos imigrantes e que em 1991 diminuiu para 151.284 pessoas, quase 65,9% dos estrangeiros. O Grupo I permanece ainda aquele de caráter majoritário entre os estrangeiros, mas perde peso em números absolutos e relativos.

A alteração mais sensível diz respeito ao grupo estrangeiro seguinte em ordem decrescente de grandeza. Em 1980, os alemães representavam 3,04% dos estrangeiros (mais ocidentais que orientais), seguidos dos russos, libaneses, romenos, poloneses, norte-americanos, sírios. Compunham o Grupo II e representavam cerca de 10% dos estrangeiros.

Depois de 11 anos, a distribuição se alterou: passam a integrar o Grupo II (o segundo em frequências mais expressivas) os coreanos (3,10%) e chineses (1,86%), latino-americanos (Chile – 3,00% e Bolívia – 1,94%) e permanecem ainda alguns oriundos de países da Europa (alemães agora representam 2,78%), russos (1,84%), poloneses, romenos. Os norte-americanos (USA – 1,25%) e surgem os iugoslavos (1,04%), egípcios (1,04%) como dignos de nota também.

Os dados indicam presença nova como a dos coreanos e chineses, o que corresponde a uma das tendências apontadas por alguns autores quanto à expressiva afluência de asiáticos nas chamadas metrópoles mundiais:

Londres, Nova York e outras. Outro destaque diz respeito ao aumento dos latinoamericanos em São Paulo (de 4,7% em 1980 para 7,8% em 1991). Além disso, diminuíram os argentinos, enquanto surgiram chilenos e bolivianos com frequência significativa. Nesse sentido, é válido apresentar a lista das nacionalidades em ordem decrescente para ilustrar de maneira geral as tendências encontradas.

Pretende-se, ainda, oferecer mais alguns elementos para compreensão mais cuidadosa da situação dos imigrantes na cidade de São Paulo. Com esse intento separou-se a distribuição dos estrangeiros com menos de 10 anos de residência na cidade por país de nascimento. Seria possível, assim, sugerir quais são as nacionalidades dos imigrantes mais recentes.

TABELA 3: DISTRIBUIÇÃO DOS ESTRANGEIROS COM MENOS DE 10 ANOS DE RESIDÊNCIA EM SÃO PAULO EM RELAÇÃO AO TOTAL DE NACIONALIDADES

Grupo	Nacionalidade	Númer absoluto (A)	Total da nacionalidade (B)	% de A/B	% sobre o total d estrang. com menos de 10 anos em SP (C)
I	Portugueses	1.117	79.611	1,4	6,0
	Japoneses	909	27.941	3,3	4,9
	Italianos	331	25.112	1,3	1,8
	Espanhóis	226	18.620	1,2	1,2
	Subtotal	2.583	151.284	1,7	13,9
II	Sírio-libaneses	366	7.322	5,0	2,0
	Alemães	468	6.494	7,2	2,5
	Russos	30	4.308	0,7	0,2
	Poloneses	26	3.704	0,7	0,1
	Norteamericanos	1.145	3.157	36,3	6,2
	Romenos	6	3.029	0,2	0,0
	Iugoslavos	7	2.437	0,3	0,0
	Israelenses	153	1.237	12,4	0,8
	Húngaros	13	2.305	0,6	0,1
Egípcios	40	2.440	1,6	0,2	
	Subtotal	2.254	36.433	6,2	12,1
III	Chilenos	2.051	7.020	29,2	11,0
	Bolivianos	1.885	4.525	41,7	10,1
	Uruguaios	538	2.309	23,3	2,9
	Paraguaios	304	1.435	21,2	1,6
	Peruanos	468	1.104	42,4	2,5
	Outros latinoamericanos	223	1.839	12,1	1,2
	Subtotal	5.469	18.232	30,0	29,4

Grupo	Nacionalidade	Númer absoluto (A)	Total da nacionalidade (B)	% de A/B	% sobre o total d estrang. com menos de 10 anos em SP (C)
IV	Chineses (continente)	891	4.355	20,5	4,8
	Chineses (Formosa)	433	1.431	30,3	2,3
	Coreanos	3.052	7.242	42,1	16,4
	Outros países asiáticos	138	1.665	8,3	0,7
	Subtotal	4.514	14.693	30,7	24,3
V	Países africanos	421	2.279	18,5	2,3
	Outros países	3.041	9.030	33,7	16,3
	Sem declaração	325	1.692	19,2	1,7
	Total	18.607	233.643	8,0	100,0

Fonte: IBGE - 1991.

A partir dos anos 80, o que se observa é que aumentou significativamente a entrada dos latinoamericanos, especialmente chilenos, bolivianos e peruanos. Isso ocorreu também com contingentes provindos da Ásia: coreanos e chineses.

Ao contrário, os quatro grandes grupos de longo tempo de permanência enquanto fluxo migratório (Grupo I) apresentaram pouca imigração de entrada recente. Constitui-se, pois, de contingente de maior tempo de vida na cidade; apenas os japoneses continuam a apresentar algumas entradas recentes.

Outro destaque é para os norteamericanos, especialmente aqueles que vêm dos Estados Unidos.

Questões políticas e econômicas dos países e a face avançada da etapa atual do capitalismo internacional são alguns fatores que podem explicar melhor essas características. Tarefa importante, na seqüência, é a localização desses contingentes na cidade, o que constitui o nosso desafio da territorialização relacionada à questão da cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- Alvim, Zuleika M. F. (1986) *Brava gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos.
- Artigas, R. C. e Bayeux, G. (1980) "*Brás: espaço e uso*". PMSP-SMC-IDART *Cadernos 2*, São Paulo.
- Associação dos Geógrafos do Brasil (1958) *A cidade de São Paulo, estudo de geografia urbana*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, vol. 4.
- Augé, Marc (1991) *Os não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Ed. Papirus.
- Azevedo, Aroldo (1957) "Vilas e cidades do Brasil Colonial". *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, vol. XI.

- Beiguelman, Paula (1981) *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo: Ed. Global.
- Bettencourt, José de Souza (1961) *O fenômeno da emigração portuguesa*. Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- Bianco, B. F. (1992) "Saudade, imigração e a constituição de uma Nação (portuguesa) Desterritorializada". *Revista Brasileira de Estudos de População* (ABEP), nº 11, vol. 9, 1992.
- Blay, Eva (1985) *Eu não tenho onde morar – vilas operárias da cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel.
- Bonduki, Nabil (1982) "Origens do problema da habitação popular em São Paulo". *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: Ed. Cortez, ano 2, nº 5, maio/junho.
- Britto, Iêda Marques (1986) *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFL-USP.
- Buarque, Cristovam (1993) *O que é apartação*. São Paulo: Brasiliense.
- Carelli, Mario (1985) *Carcamanos e comandadores: os italianos em São Paulo, da realidade à ficção*. São Paulo: Ed. Ática.
- Cenni, Franco (1975) *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins e EDUSP.
- Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (1990) *Emigrar, opção ou necessidade?* Brasília, ano 1, nº 2, dez.
- _____ (1991) *Leis e migração*. Brasília, ano 2, nº 5, set.
- Coletivo NTC (1993) *Pensar e pulsar*. São Paulo: Edições NTC.
- De Boni, Luís (org) (1990) *A presença italiana no Brasil*. Fondazione Giovanni Agnelli. Vol 2, Porto Alegre.
- Dias, M. Odila da Silva (1984) *Quotidiano e poder em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Engels, F. (s/d) *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Esteves, Laura Leitão (1993) *Emigração luso-brasileira*. Trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais, PUC/SP.
- Fausto, Boris (1979) *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL.
- Fernandes, Florestan (1966) "Imigração e relações raciais". *Revista Civilização Brasileira*, julho.
- Ferreira, Vitor Matias (1992) "Problematização e pedagogia do território". *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa: Ed. ISCTE, nº 12.
- Fundo das Nações Unidas para a População – FNUAP (1993) *O indivíduo e o mundo: população, migração. Desenvolvimento na década de 1990. A situação da população mundial*. New York.
- Gattai, Zélia (1980) *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record.
- Goff, Jacques Le (1998) *Por amor às cidades*. Trad. Reginaldo Moraes. São Paulo: Ed. UNESP.

- Hollanda, Sérgio Buarque (1956) *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- Holloway, Thomas (1984) *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ianni, Octavio (1994) "A cidade global". *Revista Cultura Vozes*. vol 88, nº 2 março/abril, 1994.
- Koltai, Caterina (1994) *O estrangeiro*. São Paulo: Ed. Escuta.
- Kowarick, Lúcio; Vêras, Maura; ANT, Clara (1981) *O cortiço: sua história e atualidade*. São Paulo: Sempla, Ed. Mimeo.
- Kowarick, Lúcio (1988) *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, UNRISD.
- Kowarick, Lúcio (1987) *Trabalho e vadiagem*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Laplantine, François (1993) "Cosmopolita e brasileira" in Olivenstein, Claude e Laplantine, François. *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, p. 26.
- Lefebvre, Henri (s/d) *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim, Ed. Ulissea, p. 119.
- Lemos, Carlos A. C. (1985) *Alvenaria burguesa*. São Paulo: Nobel.
- Levy, Evelyn (1995) *Descentralização, democracia e eficiência na gestão da cidade mundial*. Tese de doutoramento. São Paulo: FGV.
- Logan, J., Alba, R. D. e McNulty, T. L. (1996) "As minorias nas cidades globais: Nova York e Los Angeles". *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano X, nº 2, pp. 39-56.
- Maffesoli, Michel (1987) *O tempo das tribos*. São Paulo: Ed. Forense.
- Marcuse, P. (1997) "The ghetto of exclusion and the fortified enclave: new patterns in the United States". *American Behavioral Scientist*. Vol 41, nº 3, nov-dez, pp. 311-326. Editora Sage Publications.
- Marcuse, P. (1997) "The enclave, the citadel and the ghetto. What has changed in the post-fordist U. S. City". *Urban Affairs Review*. Vol 33, nº 2, nov, pp. 228-264.
- Martin, André Roberto (1984) *O bairro do Brás e a deterioração urbana*. Dissertação de mestrado, Depto. de Geografia da USP.
- Martins, José de Souza (1993) *A chegada do estranho*. São Paulo: E. Hucitec.
- Mollenkoff, G. e Castells, M. (1991) *Dual city*. New York: The Russel Foundation.
- Morse, Richard (1970) *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo: DIFEL.
- Moscovici, Serge (1978) *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Nora, Pierre (1993) "Entre memória, história, a problemática dos lugares". *Revista Projeto História*. Trad. De Yara Aun Khoury. Programa de Estudos Pós-Graduados em História/PUCSP.
- Patarra, N. L. e Baeninger, R. (1993) "Migrações internacionais recentes – o caso do Brasil". *Taller sobre Nuevas Modalidades y Tendencias de la Migración frente a los procesos de integración regional*, Montevideo, Uruguay.

- Pinto, M. Inez M. Borges (1994) *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre em São Paulo*. Tese de doutoramento, USP.
- Prado Júnior, Caio (1978) *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Preteceille, Ed. (1994) "Cidades globais e segmentação social" in L. Cesar Q. Ribeiro e O. Alves dos Santos Jr. (orgs.), *Globalização, fragmentação e reforma urbana*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- Reale, Ebe. (1982) *Brás, Pinheiros, Jardins*. São Paulo: EDUSP/Pioneira.
- Reis, F. Nestor G. (1968) *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil*. São Paulo: Pioneira/EDUSP.
- Ribeiro, Luiz César de Queiroz (1996) *Rio de Janeiro: um exemplo de metrópole partida e sem rumo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1996.
- Ribeiro, Luiz César e Santos Jr., Orlando A. dos (orgs) (1994) *Globalização, fragmentação e reforma urbana – o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.
- Rolnik, Raquel (1988) *Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro*. Conference ISA RC Sociology of Urban, Rio de Janeiro, mimeo.
- Rolnik, Raquel (1988) "São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política" in L. Kowarick (org.), *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Salles, T. (1992) "Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa". *Revista Brasileira de Estudos de População*. ABEP, vol. 9, nº 1.
- Salles, T. (1991) "Novos fluxos migratórios da população brasileira". *Revista Brasileira de Estudos de População*. ABEP, vol. 8 nº 2.
- Salmoni, Anita e Debenedetti, Emma (1981) *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Santos, Luiz Carlos da Silva (1993) *Casa Verde, território negro em São Paulo*. Projeto de pesquisa para dissertação de mestrado, PUC/São Paulo.
- Santos, Milton (1987) *O espaço do cidadão*. São Paulo: Livraria Nobel.
- Santos, Milton (1979) *Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes.
- Sassen, Saskia (1991) *The global city. New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press.
- Schwarcz, Lilian M. e Queiroz, Renato da S. (orgs) (1996) *Raça e diversidade*. São Paulo: Estação Ciência/CNPq/EDUSP.
- Singer, Paul (1968) *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Ed. Nacional.
- Strauss, Claude Levi (1962) *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Ed. LUNA.
- Stuart Hall (s/d) "O significado dos novos tempos". Tradução de S. H. S. Borelli. *Revista Margem*, nº 7, EDUC/FAPESP.

- Telles, Edward (1993) "Racial segregation and urban crisis". Texto apresentado no Encontro *Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras e a crise*. Itamonte, Minas Gerais, mimeo.
- Toledo, Benedito Lima de (1981) *São Paulo, três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades.
- Torres, M. Celestina T. M. (1969) *O bairro do Brás*. Secretaria da Cultura – Prefeitura do Município de São Paulo.
- Trento, Angelo (1988) *Do outro lado do Atlântico, um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Ed. Nobel/Inst. Cultural Ítalo-Brasileiro.
- Véras, Maura P. B. (1987) "Os impasses da crise habitacional em São Paulo ou os nômades urbanos no limiar do século XXI". *Revista São Paulo em Perspectiva*, Fundação SEADE, nº 1.
- Véras, Maura P. B. (1913) *O bairro do Brás em São Paulo – um século de transformações do espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. Tese de doutoramento PUC/SP, São Paulo.
- Véras, Maura P. B. (1994) "Territorialidade e segregação sócio-espacial em São Paulo". Texto apresentado ao *III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Lisboa.
- Véras, Maura P. B. (1995) "A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos". *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE.
- Véras, Maura P. B. (1997) "Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial". *Revista Margem*. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais/FAPESP, vol. 6, dez.
- Villaça, Flávio (1978) *A estrutura territorial da metrópole sul brasileira*. FFCL/USP, Depto. de Geografia, 2 vol.
- Virilio, Paul (1993) *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34/Nova Fronteira.
- Wacquant, Loïc (1995) "Proscritos da cidade, estigma e divisão social no gueto americano e na periferia urbana francesa". *Revista Novos Estudos*. São Paulo: Ed. CEBRAP, nº 43, nov., pp. 64-83.
- Wacquant, Loïc (1994) "Dé-civilisation et diabolisation: la mutation du ghetto noiraméricain" in Christine Fauré e Tom Bishop (orgs), *L'Amérique des français*. Paris: François Burin, pp. 103-125.
- Weber, Max (1946) *Economia y sociedad*. México, FCE.
- Wacquant, Loïc (1973) *Ciência como vocação*. São Paulo: Ed. Cultrix.

OUTROS

Censos Demográficos - FIBGE.